

A REPÚBLICA ANÁLOGA

Uma comédia republicana

ARÍSTIDES VARGAS

(2010)

Tradução: Abel Xavier e Malú Bazán

A tradução e a publicação deste texto foram realizadas pelo Coletivo Labirinto como parte do CICLO DE LEITURAS ENCENADAS, que integra o projeto “HISTÓRIAS DE NOSSA AMÉRICA”, contemplado pela 35ª EDIÇÃO DA LEI DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO.

CICLO DE LEITURAS ENCENADAS

A REPÚBLICA ANÁLOGA – Uma comédia republicana

Dia 03 de fevereiro de 2021 – 20h

Leitura feita remotamente via plataforma Zoom.

Ficha Técnica:

Dramaturgia: Aristides Vargas (Argentina / Equador)

Direção: Dagoberto Feliz

Tradução: Abel Xavier e Malú Bazán

Elenco: Abel Xavier, Breno Manfredini, Carol Vidotti, Emilene Gutierrez, Fábria

Mirassos, Jhonny Salaberg, Ton Ribeiro e Wallyson Mota

Projeto Gráfico: Alexandre Caetano – Oré Design Studio

Assessoria de Imprensa: Pombo Correio

Assistente de Produção: Melina Marchetti

Produção: Carol Vidotti e Wallyson Mota

Realização: Coletivo Labirinto

www.coletivolabirinto.com.br

labirinto.contato@gmail.com

@coletivo.labirinto



PERSONAGENS

BEATRIZ: Poeta.

TORRES: Porteiro da Biblioteca Nacional e amante de cibercafés.

MÃE: Mãe de Torres, viúva e filósofa autodidata.

OMAR: Alfaiate, noivo de Beatriz.

DR.CARPIO: Cirurgião plástico, um tanto ridículo e violento.

CHESTER: Professor de história.

MORALES: Urologista, tem a língua presa, vulgarmente conhecido como língua de trapo.

RENZO: Discípulo de Morales e espécie de guarda-costas dele.

MENINA: Aparição só percebida por Chester.

A ação se passa na sala da casa de Torres, ou melhor, na sala da casa da mãe de Torres; a decoração nos faz lembrar uma dessas salas onde alguma vez foram assinadas as atas de fundação de nossos países ou esses retratos que geralmente são pendurados nas secretarias de escolas ou faculdades, com heróis envoltos em bandeiras, com águias sobre os ombros, à cavalo, apontando para algum lugar que ninguém sabe muito bem qual é. Há uma mesa grande no meio do espaço e cadeiras vazias ao redor.

Torres é o único que está sentado à mesa, consertando uma bússola.

Beatriz está na soleira da porta.

CENA 1

BEATRIZ: *(Ao público)* Estava eu na porta a ponto de entrar, quando escutei Torres dizer algo que me chamou a atenção porque me soou excêntrico, algo a que me senti profundamente ligada.

TORRES: *(Ao público)* Nunca imaginei que alguém responderia a uma ideia tão descabida como a minha; o fato é que fui ao cibercafé, gosto de cibercafés, me deixam... excitado. Coloquei um só anúncio e um só anúncio foi suficiente para a minha ideia prosperar, assim como prosperam as empresas virtuais... *(A mãe entra com uma bandeja, com xícaras e uma chaleira que batem entre si, causando um barulho insuportável)*. Por favor, mamãe, eu posso servir meu chá sozinho, mamãe, por favor ... A verdade é que naquele dia chovia como agora, aqui sempre chove entre novembro e maio, é uma lei natural; fazer a república também é uma lei natural: “A república é a construção natural da felicidade”, eu li isso na internet, no ciber... deixa isso aí, mamãe, deixa isso aí.

MÃE: Que horas você chegou, bebê?

TORRES: Às cinco.

MÃE: Quer chá, bebê?

TORRES: Eu mesmo posso me servir.

MÃE: Não deixe de me chamar se precisar de alguma coisa, hein? Não deixe de me chamar, hein bebê?

TORRES: Farei isso.

MÃE: A que horas você chegou?

TORRES: Às cinco, mamãe.

MÃE: Às cinco? Chegou a essa hora?

TORRES: Sim, mamãe.

MÃE: Você sabe por que eu arrasto meus pés?

TORRES: Podemos falar disso mais tarde?

MÃE: Sim, mas quero falar agora... não levanto os pés porque temo cair no abismo.

TORRES: Poderíamos conversar sobre isso amanhã, amanhã às cinco, por exemplo.

MÃE: Às cinco é uma hora crepuscular, eu gosto que você chegue às cinco... Porque hoje você chegou às cinco, né, bebê?

TORRES: Sim, mamãe.

MAMÁ: “Às cinco horas, às cinco horas da tarde em ponto...”. Bebê, quer que a mamãe recite Lorca?

TORRES: Por favor, mamãe, por favor...

MÃE: Bem ... A que horas você me disse que chegou?

TORRES: *(A ponto de explodir)* Às cinco, mamãe, às cinco!

MÃE: Não deixe de me chamar se precisar de alguma coisa ...

TORRES: Não deixo, mamãe, mas larga isso aí, assim já está bom, já está bom. Você vai? Você vai sair? Bom, até logo, mamãe. *(A mãe sai)*
(Para o público) Minha mãe. Não a mandei embora porque ela é um exemplo de como uma pessoa acaba habitando uma realidade própria como se fosse, definitivamente, a realidade de todo mundo...

MÃE: *(Aparecendo subitamente)* Não é bem assim, bebê! O bebê não é uma pessoa cruel!

TORRES: Que susto você me deu mamãe, que susto ...!

MÃE: Você acha que o que vai fazer é correto?

TORRES: Que?

MÃE: A coisa do cibercafé, não se faça de tonto!

TORRES: Posso estar errado, mas isso não quer dizer que a realidade que habitamos seja a correta.

MÃE: Mas você, bebê, não é uma pessoa cruel.

TORRES: Isso você já disse, há pouco, quando me assustou com essa afirmação.

MÃE: Quando você era jovem e saía, você ia embora e eu pensava que nunca mais ia voltar, por isso ficava tão feliz quando você voltava, porque pensava que você tinha morrido ao sair. A que horas você chegou?

TORRES: Não sei, talvez às cinco.

MÃE: Os tatus-bolinha invadiram completamente nosso jardim.

TORRES: Temos que matá-los com veneno, mamãe.

MÃE: Os vizinhos da frente coloriram completamente as paredes da casa.

TORRES: É?

MÃE: Temos que matá-los com veneno?

TORRES: Não, mamãe!

MÃE: O estranho é que aí na frente há anos não temos vizinhos ... heh, heh, heh ... desculpe, não quis ser tão malvada, mas é que se eu não rir, aquele abismo, do qual eu falava agora pouco, me engoliria para sempre. *(Sai)*

TORRES: *(Para o público)* A minha mãe tem noventa anos, mas ainda é tão criança porque não consegui superar seus medos infantis, se não a enxotei foi para presenciar como um medo profundo não nos deixa crescer...

BEATRIZ: *(Para o público)* Estava falando assim da sua mãe, quando bati à porta: toc, toc, toc, o que o fez sair da vida doméstica e entrar num outro mundo, o nosso, localizado para além das borboletas de sua mãe, das paredes de seus vizinhos, dos tatus-bolinha do jardim, tão concretos e delicados. Ele estava assim, quando eu entrei, agitada, como as pessoas que empreenderam uma longa jornada empoeirada e inútil ... dizer "entrei" não é correto, porque éramos dois.

CENA 2

(Entram Beatriz e Omar, este traz um vestido de noiva nas mãos, que costura com dedicação)

TORRES: Entre, senhor, entre.

BEATRIZ: Senhora.

TORRES Perdão, pensei que o senhor...

BEATRIZ: Não se preocupe, ele não fala, sou eu quem fala por ele, bem, é uma maneira de dizer, porque ele é independente de mim... Enfim, sou Beatriz Olavarría e ele é Omar Teopanta.

TORRES: Sentem-se, puxem uma cadeira, ali, aqui, tanto faz... não, melhor aqui. O senhor sente-se ali... não, melhor aqui... melhor mudarem de lugar: a senhora aqui e o senhor ali... *(Este jogo se repete até que Torres, confuso, decide se sentar; se olham em silêncio)*

BEATRIZ: Sabe porque estou aqui?

TORRES: Eu imagino.

BEATRIZ: Sou poeta e tudo o que é oculto, me interessa.

TORRES: Onde você leu meu anúncio?

BEATRIZ: Em um cibercafé.

TORRES: Bom, bom, bom...! Perdão, por um momento fiquei eufórico, fiquei assim, animado, porque você comprova que a coisa dos cibercafés funciona.

BEATRIZ: Sempre vou a esses lugares.

TORRES: Você escreve e-mails?

BEATRIZ: Não, leio os anúncios que as pessoas deixam: “Alugo quarto para solteira”, “curso de Tai-Chi para idosos”, “você gosta do meu cachorro? Devolva-o, por favor”.
Me interessa esse tipo de literatura; a necessidade revela a solidão espantosa que vivemos.

TORRES: O que lhe interessou da minha proposta?

BEATRIZ: As proporções.

TORRES: Ah!

BEATRIZ: Sempre que alguém sonha, sonha pequeno, mas a sua proposta rompe a escala do pequeno, é tão desproporcional quanto inútil.

TORRES: Bom, bom, bom!, agora dou linha a minha euforia, bom, bom, bom! Vamos beber alguma coisa... Perdão. Mamãe, pode ficar quieta, por favor?... Ele não fala?

BEATRIZ: Não, ele não fala, a não ser que exista algum perigo iminente, aí foge como um rato, ou como uma barata ou como um ser humano, ou seja, como qualquer animal que sobreviverá a todos os cataclismos.

OMAR: Quero comer.

BEATRIZ: É uma das suas frases prediletas, seu estômago é seu pior inimigo.

TORRES: Ah é?

BEATRIZ: *(Em segredo)* Vamos nos casar, está costurando meu vestido de noiva e pensa em nosso futuro, e nosso futuro ocupa todo o espaço do seu pensamento.

TORRES: Teoapanta é um sobrenome inca, não é?

BEATRIZ: Sim.

TORRES: Essa gente costuma ocupar a mente com abstrações.

BEATRIZ: Não lhe entendo.

TORRES: Não importa... Então você é escritora?

BEATRIZ: Sim.

TORRES: Me ocorre, acabou de me ocorrer ou está me ocorrendo... a senhora poderia redigir o diário do nosso grandioso projeto.

BEATRIZ: Não, um diário não, um almanaque, um almanaque visual e poético da nossa alucinação.

TORRES: Sim! E que seja cheio de detalhes utópicos, que não sirvam pra nada.

BEATRIZ: Sim! E por isso serão detalhes gráficos: pictogramas, caligramas...

TORRES: Bravo! Bravo! Bebamos algo... Mamãe, traga o chá, por favor! Chá de hortelã, mamãe, por favor! Mamãe, o chá!

MÃE: *(Entrando com os aparatos do chá e falando secretamente com Torres)* Bebê, você não acha arriscado tomar chá com uma desconhecida?

TORRES: Mamãe, vai começar de novo?

BEATRIZ: Deixa, ela tem razão, devemos nos conhecer, fazer coisas juntos, comer, rir, e fazer silêncio, nos conhecer em nosso mutismo é fundamental... *(A mãe tenta servir o chá, mas não acerta a xícara)*

TORRES: Mamãe, vai derramar chá nas visitas.

MÃE: Não me deixe nervosa, por favor.

TORRES: Mamãe, o chá é um ritual elegante, inglês...

MÃE: Bebê, não se faça de chique que eu fico mais nervosa...

TORRES: Mamãe, você está se descontrolando.

MAMÃE: Acho que tenho que ir ao oculista...

OMAR: Aponte para o outro lado, senhora...

TORRES: Falou?

BEATRIZ: Sim, normalmente quando lhe derrubam água fervendo.... *(A mãe começa a jogar chá sobre todos os personagens)*

MÃE: Não há motivos para pânico!

TORRES: Mamãe, cuidado!

BEATRIZ: Gosto de chá, mas não quando a infusão sou eu.

MÃE: Só estou tentando fazer as coisas com propriedade.

TORRES: Se acalme, mamãe!

MÃE: É que eu fico nervosa. Onde deixei aqueles biscoitos finlandeses que você tanto gosta...?

BEATRIZ: Sua mãe é um desastre.

MÃE: O que quer dizer?

BEATRIZ: Que eu estou tomando chá por todas as minhas partes menos pela boca.

MÃE: Bebê, esta senhora me ofende!

TORRES: Mamãe, cuidado!

MÃE: Esse jeito...

OMAR: Aponte para o outro laaaaaaaaaado! Como queima a hortelã!

MÃE: Cidreira.

BEATRIZ: Newton tinha razão, a água pesa mais que o ar.

TORRES: Não!

BEATRIZ: Cuidado!

OMAR: Como queima a hortelã!

MÃE: Cidreira.

TORRES: Largue a chaleira, mamãe, a chaleira...

MAMÃE: A chaleira está descontrolada, bebê, é como a chaleira assassina... 2!

OMAR: Aiaiaiiiiii, como queima a hortelã!

BEATRIZ: Assim não, senhora, assim não!

TORRES: Chega, mamãe, chega!

(Tira a chaleira de sua mãe. Os personagens exaustos e encharcados de chá, se sentam)

MÃE: Não devemos nos exaltar, já passou, já foi, somente uma triste sucessão de pequenos acidentes.

(A mãe sai)

BEATRIZ: *(Ao público)* Estávamos assim, acidente atrás de acidente, quando passou pela minha cabeça que uma mãe descontrolada pode arruinar projetos transcendentais para a humanidade! Por acaso, sabemos se Napoleão não estava com sua mãe antes da batalha de Waterloo, ou se Georg Bush não foi visitado por sua mãe na tarde em que resolveu ser presidente e invadir o Iraque?

A verdade é que não podíamos entrar no tema. Se não podíamos fazer com que uma mãe acertasse um gole de chá numa xícara, como poderíamos criar uma nova sociedade? Como pretendíamos fundar uma república utópica? Estávamos assim, quando escutamos um toc, toc, toc na porta.

TORRES: Deve ser o doutor Carpio...

CENA 3

(Entra o doutor Carpio com uma pasta, chapéu côco e um casaco escuro, grande demais para ele).

BEATRIZ:*(Ao público)* Na verdade o doutor Carpio não era um doutor, era um cirurgião plástico, um estica caras, um assustador homem de negócios utópicos.

CARPIO: *(Pomposo)* Deveríamos encontrar o lugar onde tão portentosa ideia vai se edificar.

TORRES: Permita-me que lhes apresente...

CARPIO: Evitemos formalidades inúteis, por questões de segurança não me interessa conhecê-los, é importante não saber o nome de ninguém.

BEATRIZ: Como nos chamaremos?

CARPIO: Por pseudônimos.

TORRES: Ah!

CARPIO: Por exemplo, ele se chamará Omar.

BEATRIZ: Ele se chama Omar.

CARPIO: Conheci um homem a quem chamavam de Lenin e passou para a história como Lenin, mas na verdade ele se chamava Lenin e tinha nascido na profunda Rússia czarista. O que esse Lenin tem a ver com a estátua que apodrece no fundo do mar báltico?

BEATRIZ: Escutou, Omar? De agora em diante você se chama Omar, qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

CARPIO: *(Sacando um revólver)* Suas ironias pouco me importam.

OMAR: Merda, isso é um trabuco!

TORRES: Falou!

BEATRIZ: Guarde isso, por favor...

TORRES: Doutor Carpio, não é necessário, não acho que seja necessária essa ostentação de poder.

CARPIO: Não tolero, não posso tolerar, ser visto como alguém que não sou.

BEATRIZ: Não se pode defender uma coisa tão abstrata com algo tão concreto como uma arma deste calibre, senhor.

CARPIO: Se estou aqui é porque a empreitada a que me proponho não pode ser levada à cabo por um homem só.

TORRES: Todos estamos aqui pelo mesmo motivo.

CARPIO: Sim, mas para mim a construção de uma república análoga não é uma metáfora.

BEATRIZ: Tenha calma, doutor Carpio!

CARPIO: Meu nome de agora em diante é doutor Carpio, nunca mais me chamem de doutor Carpio, entendido? Semântica da conspiração, é assim que se chama.

BEATRIZ: Se não guardar sua arma, nós vamos embora.

TORRES: Entendemos perfeitamente, doutor, mas guarde a arma, por favor.

CARPIO: Uma ilusão deve ser defendida de uma maneira concreta e objetiva, concreta e objetiva, não sei se me faço entender.

BEATRIZ: Uma empreitada impossível não se torna possível com uma arma na mão.

Uma empreitada impossível não se torna quatro vezes possível porque quatro indivíduos se encontram.

Uma empreitada impossível não se torna possível sem trair sua natureza.

Uma empreitada impossível só é possível em sua impossibilidade... Que ótimo isso que acabei de dizer!

CARPIO: Não concordo, senhora, mas admiro sua veemência, para mim a construção de qualquer projeto, por mais descabido que ele seja, é uma questão de geometria. Sim. Não me olhem assim, necessitamos de um ponto de apoio, um prego, ou dois, ou três pregos, estabelecer entre eles um fio, como um triângulo perfeito entre o que precisamos fazer, o que queremos fazer e o que devemos fazer. San Martín, Bolívar, Sucre não são nada além de pregos de uma história que não pôde ser e vocês... vocês são meus pregos.

BEATRIZ: Eu não quero ser prego de ninguém!

TORRES: Acho que esta discussão deveria vir depois.

CARPIO: De que?

TORRES: Não sei... me parece que necessitamos de uma porta.

CARPIO: Eu sou uma pessoa medíocre... nem sei porque estou dizendo isso, mas eu me entendo.

BEATRIZ: Menos mal que aqui tem alguém que entende alguma coisa.

CARPIO: Eu tentei abrir portas místicas e fracassei, já fundei seitas religiosas e acabei dormindo com alguma beata desesperada, tenho brincado com o desespero da fé, se dão conta? Quando soube da sua proposta, da construção de uma república análoga, senti uma iluminação, senti um relampejar na minha consciência, senti que Voltaire me falava ao ouvido: “Procuramos a felicidade como um bêbado procura sua casa, sabendo... sabendo...” Para ser sincero, gostaria que não me abandonassem.

BEATRIZ: Você vem aqui, saca um revólver, polemiza, pra terminar dizendo que não quer que o abandonemos? Que espécie de orfãozinho é o senhor, doutor Carpio?

CARPIO: Querem que eu me mate aqui para mostrar o estado decadente em que me encontro?

TORRES: Não, por favor!

CARPIO: Sou libriano, e todos conhecem o lado impulsivo do meu signo.

BEATRIZ: Os astros não lhe favorecem o senhor, ou o senhor não favorece os astros. Que espécie de idiota é o senhor, doutor Carpio?

CARPIO: Não gosto de gente orgulhosa, não gosto das mulheres provocadoras que riem de mim e fazem chacota.

TORRES: Controle-se, doutor!

OMAR: Eu quero ir embora!

TORRES: Falou de novo.

CARPIO: Sim, mas por pouco tempo...

BEATRIZ: Cuidado!

(Ouve-se um tiro, a mãe entra)

MÃE: Bebê, o papai se matou!

TORRES: Mamãe, mamãe... o papai morreu há anos.

MÃE: Meu Deus! E como não me avisaram?

CARPIO: Não foi seu filho, senhora, fui eu.

MÃE: E o senhor, quem é?

CARPIO: Doutor Carpio.

BEATRIZ: Mas chame-o de doutor Carpio.

MÃE: Doutor de quê?

CARPIO: Cirurgião plástico.

MÃE: Justamente andava procurando um doutor como o senhor.

CARPIO: Não me diga.

MÃE: Veja só, esses dias estava olhando minha barriga no espelho e falei: isto precisa de uma faca.

TORRES: Mamãe, poderia deixar isso para mais tarde?

MÃE: Mais tarde falamos, doutor.

CARPIO: Pois não, senhora.

TORRES: Porque não nos sentamos, fumamos e conversamos?

(Fumam em silêncio, olhando com desconfiança uns pros outros; devido à fumaça, a cena se torna surreal; uma moça muito jovem entra e dança alguns passos de balé, ninguém a vê)

BEATRIZ: *(Ao público)* Estávamos assim, fumando de maneira mecânica, como fumam as pessoas que não tem para onde ir, envoltos pela fumaça, sem saber onde ir, quando de repente escutamos um toc toc toc na porta.

CENA 4

(Entra Chester, com um guarda-chuva indomável, tem muita dificuldade para fechá-lo, como se o guarda-chuva tivesse vida própria, os outros olham para ele com curiosidade)

CHESTER: *(Se dando conta dos outros personagens)* Perdão por entrar assim de repente, mas estou cansado e sofro dos pulmões, lá fora chove... Sempre chove tanto assim aqui? *(Pausa)* Não, não é necessário que se levantem, é bom fumar e meditar. Aqui tem gatos? digo... porque os gatos sempre dão essa sensação de uma vida caseira, sem complicações, deitados ao lado da lareira ou no sofá, são tão... não sei, ornamentais...; não são como os papagaios, que denotam um lugar estridente, cheio de fissuras emocionais... enfim... *(tentando fechar o guarda-chuva)* Não sei o que acontece com esse guarda-chuva...

TORRES: Precisa de ajuda?

CHESTER: O guarda-chuva...

CARPIO: Os guarda-chuvas são artefatos que exigem certo rigor, é necessário ensinar para eles quem é que manda, permita-me (*pegando o guarda-chuva*).

OMAR: Como aos cachorros... (*Pega o guarda-chuva de Carpio e de agora em diante, o guarda-chuva passará de um personagem a outro*)

BEATRIZ: Posso ajudar o senhor?

CHESTER: Obrigado.

CARPIO: Mas os cachorros não são tão simbólicos como os guarda-chuvas, além do mais nunca vi um cachorro atravessado por um cabo e menos ainda alguém se protegendo da chuva com um cachorro. Posso ajudar?

CHESTER: Obrigado.

OMAR: Deixa comigo, eu conheço esses guarda-chuvas, são chineses, e eu me dou bem com tudo que é da China.

TORRES: É rebelde seu guarda-chuva!

CARPIO: Maldito guarda-chuva!

BEATRIZ: Guarda-chuva é uma linda metáfora da mecânica contra a chuva.

CARPIO: Mas se transforma num aparato do mal quando se nega a nos obedecer, não merece ser chamado por um nome tão bonito como guarda-chuva.

CHESTER: Calma, por favor, podem acabar quebrando.

TORRES: Se fosse chamado de lavagem continuaria sendo a mesma coisa.

BEATRIZ: Se se chamasse lavagem, não seria um guarda-chuva.

OMAR: Não nos deixemos abalar por um guarda-chuva.

CARPIO: Lavagem ou guarda-chuva, não perde a belicosidade.

BEATRIZ: Guarda-chuva e chuva estão juntos há tanto tempo que eu acharia injusto dizer, abri minha lavagem para proteger minha amada da chuva.

CARPIO: Eu acho que deveria se chamar merda!

(O guarda-chuva, indomável, voa de um lugar para outro no espaço)

CHESTER: Que confusão com o bendito guarda-chuva!

BEATRIZ: Não se pode mudar as palavras como guarda-chuva, chuva ou revolução, que nos parecem mais nobres por sua história de nobreza ao longo do tempo.

OMAR: É que não quer fechar.

BEATRIZ: Vamos deixá-lo aberto.

CARPIO: Não! Seria o triunfo da mecânica sobre a razão, o triunfo de uma palavra sobre a realidade.

OMAR: Não nos intimidaremos!

CHESTER: Perdão, meu nome é Chester... É aqui a reunião da república análoga?

BEATRIZ: Sim, mas neste momento estamos sendo atacados pelo seu guarda-chuva.

CHESTER: É uma questão de idade.

BEATRIZ: Era só o que nos faltava.

CHESTER: Chega uma certa idade que somos mais intolerantes com os guarda-chuvas. *(O guarda-chuva se aquieta)* Permita-me, vejamos, ele é rebelde mesmo, hein? Talvez seja um problema de fé.

TORRES: Duvido, São Francisco, por exemplo, era um místico que não tinha problemas com guarda-chuvas. Preste atenção! Li isso num *ciber!*

CHESTER: Sim, porque não existiam.

TORRES: Exato.

OMAR: Eu me rendo.

CHESTER: Um místico não pode ter tendência a mistificar, vamos deixar que o guarda-chuva seja um guarda-chuva, talvez se feche sozinho.

CARPIO: O senhor confunde guarda-chuva com natureza. *(O guarda-chuva para aberto no meio da cena)*

BEATRIZ: *(Ao público)* Me afasto da cena por um momento e consigo entender o quão pouco práticos somos. É esse tipo de gente que precisamos para uma empreitada tão maluca? A inutilidade na vida nos permitiria criar uma república inútil?
(A mãe entra com muita calma e fecha o guarda-chuva sem problemas; os personagens olham para ela perplexos)

MÃE: Se precisar de alguma coisa, me chama, sim, bebê?

TORRES: Obrigado mamãe. Embora falte gente, poderíamos discutir, em termos gerais, detalhes da construção da república análoga, eu os convoquei ou me convoquei... os convoquei é melhor, né? por uma consideração básica. Todas as tentativas em nossa curta vida republicana foram infrutíferas, desculpem... Mamãe, você poderia ficar quieta? Nossa ineficácia se deve ao fato de que não aceitamos, ou não queremos aceitar nossa ineficiência como método.

CHESTER: O incidente com o guarda-chuva me deixou exausto, não tem nada para beber?

MÃE: Trago já já, doutor.

TORRES: Como lhes dizia...

MÃE: O senhor também é médico?

CHESTER: Não.

CARPIO: A propósito, qual sua profissão?

TORRES Não é que eu queira impor um tema ao encontro ...

CHESTER: Nenhuma.

BEATRIZ: Omar, já passou da hora de você terminar esse vestido.

OMAR: Eu simplesmente não posso saber o que estou fazendo sem alguém o provar.

BEATRIZ: Você sabe que esse tecido me dá alergia...

(A mãe acena para Omar, eles falam algo secretamente e saem)

TORRES: Bem, eu lhes dizia que deveríamos começar com um tema, cercar um tema, não, melhor, abordar um tema ou desmontar um tema ...

CHESTER: Uma bússola?

TORRES: Sim. Eu dizia...

CHESTER: Uma bússola, bússola?

TORRES: Sim.

CARPIO: Como funciona?

CHESTER: Como minha esposa.

BEATRIZ: Uma mulher bússola?

CHESTER: Ela costumava ficar na janela olhando para o norte, por isso eu sempre dizia: você parece uma bússola... Vocês têm certeza que querem que eu fale sobre isso?

BEATRIZ: Continue, sempre me interessei pela vida das mulheres bitáculas...

CHESTER: Vocês já conhecem a história, digo, a história que sempre é contada, quer dizer, nós homens sempre contamos a mesma história: um cenário sombrio onde se inscreve uma vida ou várias vidas, atravessadas espiritualmente por uma história que alguns de nós chamam de amor. O caso é que éramos sete homens, sete amigos que nos reuníamos, e conversávamos, ríamos de coisas sem importância, em geral na minha casa, até altas horas da noite; eu sabia que ela, minha esposa, estava lá em cima, olhando para o leste e nunca descia, o estranho é que meus amigos também sabiam que ela estava lá em cima e nunca descia, eu também sabia que o perfume dela chegaria até mim como o mar alcança uma praia solitária, o que eu ignorava é que seu perfume também chegava até eles, e eles experimentavam a mesma solidão que eu sentia mas

que ignorava que eles também sentissem, cada um, em sua escuridão interior, pensava que era seu único amor, somente ela estava em cada um de nós como um segredo, porque ninguém sabia que o outro sabia, só ela nos tecia como um tempo tece diferentes solidões, achava que eu existia nela e eles eram as sombras, e cada sombra acreditava que era real, só ela em sua intimidade nos dotava de existência (*A menina muito jovem atravessa a cena como uma sonâmbula*) Quem é aquela menina no umbral?

TORRES: Menina...?

BEATRIZ: Umbral?

(Se faz um silêncio, quebrado por uma explosão de violência do doutor Carpio)

CARPIO: Que merda é essa? Estamos há três horas aqui e a única coisa que fizemos foi brigar com um guarda-chuva e escutar uma história de amor.

BEATRIZ: Você acha pouco?

TORRES: Devemos nos conhecer, é importante nos conhecermos.

CARPIO: Eu quero saber que estratégia vamos usar para alcançar nossos objetivos, não me interessam os dramas existenciais...

CHESTER: Olha, doutor Carpio, não somos estúpidos. Ou nós somos?

TORRES: Eu sou maçom mas não sou estúpido.

CARPIO: O senhor deveria fazer alguma coisa, porque foi o senhor que nos reuniu.

TORRES: O que eu posso fazer?

CARPIO: Iniciar essa reunião filha da puta!

CHESTER: O senhor gosta de bordéis?

BEATRIZ: Não sei.

CHESTER: Vamos, comece.

TORRES: Eu... isto se deve à ausência total de acontecimentos.

CHESTER: Não me olhe assim.

TORRES: Isto é uma teoria. Posso apresentá-la?

CHESTER: Sim.

TORRES: O que vamos fazer precisa de antecedentes, a ordem de causa e efeito está totalmente desagregada, o que significa que temos que inventar tudo de novo, e se deus fez o mundo em quatro dias — claro, contando com as paradas para o cafezinho, brunch, refeições ligeiras, etc. acabaram sendo sete —, por que nós não podemos fazer uma república em duas horas, sem querer comparar, além disso agora existe a internet...

BEATRIZ: *(A Chester)* Não sei porque sua cara não me é estranha.

CARPIO: Não há tempo. Percebem? Não há tempo.

CHESTER: Vivo perto do matadouro, todo dia escuto como mugem as vacas antes de morrer, isto não me tira o sono porque para mim dormir é uma questão de vontade, dormir enquanto mil vacas são degoladas pelos carneiros não me tira o sono; além do que, ao invés de contar cordeiros, conto vacas degoladas.

BEATRIZ: Tem algo por trás do que disse que me parece estimulante, mas não sei o que é.

CARPIO: Sou uma pessoa de ação.

BEATRIZ: Quem?

CARPIO: Eu sou uma pessoa de ação, por isso estudei cirurgia plástica.

TORRES: Poderíamos voltar ao tema que nos interessa?

CARPIO: Para mim é fundamental difundir certos níveis de violência, por isso me especializei em nariz e papada, quando a incisão é precisa os níveis de sangue nas múltiplas artérias terminais ... no nariz, por exemplo, o volume de sangue é semelhante ao de uma vaca abatida, aliás ... (Para Beatriz) A senhora nunca pensou em mexer nesse seu nariz?

BEATRIZ: Me dou bem com meu nariz.

TORRES: O nariz, penso, estou pensando, quando é sacrificado adquire... se torna sagrado, como todas as coisas que são sacrificadas.

CARPIO: Então, eu tenho um nariz sagrado, porque eu mesmo o extirpei, e fiz isso por um princípio elementar, se não posso mudar o mundo, pelo menos posso mudar minha cara.

CHESTER: Perdão...

BEATRIZ: Sim?

CHESTER: *(A Beatriz)* Posso falar com você um momento? Desculpe, vou falar com a senhorita por um momento, os senhores podem se aprofundar em seus respectivos narizes, que o ranho também tem algo de sagrado.

TORRES: Deveríamos começar...

CHESTER: *(Com Beatriz, à parte)* Para ser sincero, esse sujeito, o doutor...

BEATRIZ: Carpio, o doutor Carpio.

CHESTER: Sim, esse, bom... não me parece uma pessoa de confiança, ele tem uma arma, eu vi, ele é louco e os loucos não se surpreendem com nada, aí reside a loucura deles, pensam que são Napoleão e se comportam como Napoleão, pensam que são cachorros e mordem a todos com a maior naturalidade, são sérios porque são completamente loucos, mas esse não é o problema, o problema é que estamos prestes a iniciar uma trama e a trama deve ser delirante mas nós não, só nosso bom senso pode nos fazer acreditar que uma ideia selvagem e frenética seja possível, mas se enlouquecermos, a loucura perderia o interesse até pra poesia ...

CARPIO: Bom, eu vou embora.

TORRES: Não, espere.

CHESTER: Continuamos a falar daqui a pouco.

CARPIO: Não posso esperar mais, preciso de ação, uma dose de ódio que mobilize os nervos, ainda mais pra uma coisa tão tola como uma república análoga.

TORRES: Todos nós empreendemos uma longa jornada para estarmos aqui, mas estamos com medo.

BEATRIZ: Pela primeira vez ele não repetiu a frase, vocês perceberam?

CHESTER: Medo?

CARPIO: Sim, um pouco, porque negar.

CHESTER: De que?

BEATRIZ: Medo é uma palavra que merece respeito.

CARPIO: Eu não tenho medo porque tenho um revólver.

BEATRIZ: Todos deveríamos temer alguma coisa.

CHESTER: O medo não é uma questão de dever.

BEATRIZ: Não minta.

CHESTER: Olha, eu não minto.

CARPIO: Sim, mente porque todos mentimos.

BEATRIZ: Onde está Omar, onde se meteu Omar?

CHESTER: A que se refere quando diz todos?

CARPIO: Está me interrogando?

CHESTER: Não.

CARPIO: Sim, me interroga.

BEATRIZ: Se sente que estão lhe interrogando é porque estão lhe interrogando.

CARPIO: A senhora não se meta.

CHESTER: Pegue a sua arma e atire em todos nós.

CARPIO: Acham que não sou capaz?

BEATRIZ: Chega, senhor, chega ou vou embora...!

CARPIO: Quem vai sou eu.

CHESTER: Não, quem vai sou eu, posso ir embora quando quiser porque tenho um guarda-chuva.

CARPIO: Eu também, porque tenho um revólver. *(Coloca a arma na cabeça)*

BEATRIZ: Não. O que está fazendo?

CHESTER: Ele está louco, eu lhe disse.

(Pausa)

TORRES: *(Diante da indecisão do suicídio de Carpio)* Temos medo.

CHESTER: Por que não para com esse assunto de medo?

BEATRIZ: Nos provoca.

CARPIO: Nos irrita.

CHESTER: Pensando bem, vamos embora os três, o guarda-chuva é grande o suficiente.

CARPIO: Ou nos matamos os três, o revólver também é grande o suficiente.

BEATRIZ: Vai começar de novo?

CARPIO: A senhora tem lábios finos...

TORRES: Já pensei sobre isso, mas não sei se devo falar sobre isso.

CHESTER: Isso?

TORRES: Sobre o medo. Vou ser sincero com você: de que adianta criar uma república análoga se não é para banir o medo?

BEATRIZ: Vai nos contar uma história?

TORRES: Uma história não dá medo, uma história alivia o medo.

CHESTER: Não é bem assim não, porque quando eu li Chapeuzinho Vermelho, fiz xixi três dias seguidos.

TORRES: O medo estava em você antes da história.

CARPIO: Histórias são coisas de criança.

TORRES: As crianças têm medo pela mesma razão que nós.

CARPIO: Que está dizendo?

CHESTER: Fala sério, Torres...

BEATRIZ: Por quê?

TORRES: Porque estão sozinhas.

BEATRIZ: Não...

TORRES: Porque estão sozinhas frente a escuridão.

CHESTER: É porque a história é cruel.

CARPIO: Muito cruel.

TORRES: Elas estão sozinhas diante da escuridão e inventam histórias cheias de monstros sorrateiros pelo simples prazer de derrotá-los, e se não existissem, elas os inventariam, porque é preciso ensaiar com um inimigo monstruoso que podemos subjugar, precisamos de uma ficção para derrotar os monstros da realidade, e essa ficção não deve ser real, porque só uma não-realidade contundente, frontal e colossal pode derrotar todos os simulacros da realidade.

CARPIO: Segundo o senhor Torres, San Martín e Bolívar...

CHESTER: ...eram duas crianças...

BEATRIZ: ... que inventaram o império espanhol para poder derrotá-lo.

TORRES: Não, porque eles inventaram seus próprios mitos.

CHESTER: Um tanto maluca essa teoria.

CARPIO: Uma merda de teoria.

TORRES: Vamos colocar desta maneira: eu sou um dragão.

CHESTER: E eu sou São Jorge.

TORRES: Sou o monstro da pobreza.

CHESTER: E eu sou Che Guevara.

TORRES: Estão vendo? Sempre inventamos alguém para derrotar os fantasmas que nos perseguem.

BEATRIZ: Sim, mas São Jorge não existe.

TORRES: O Che também não.

BEATRIZ: Pressinto algo atrás das suas palavras.

CARPIO: Estrume, merda e delírio.

CHESTER: Calma Carpio, não é pra tanto!

CARPIO: Isso não é uma farra de moleques bêbados (*Tira uma faca de açougueiro da sua pasta*)

BEATRIZ: Carpio e seus joguinhos.

TORRES: Desculpe, não pensei que isso iria te afetar tanto.

CHESTER: Guarde isso.

BEATRIZ: É com isso que o doutor opera narizes?

CARPIO: Eu preciso cortar alguma coisa.

BEATRIZ: Isso se chama cortar o mal pela raiz.

CARPIO: Eu tenho dez, tiro um... quantos me sobram? *(Cortando o dedo violentamente e mostrando a mão ensanguentada)*

CHESTER: Eu disse, é um louco!

BEATRIZ: Cortou um dedo fora!

TORRES: Acho que vou desmaiar, isso é tão real ... *(Desmaia)*

MÃE: *(Entrando vestida de noiva, atrás dela Omar, tentando costurar uma cauda no vestido)* O que fizeram com meu filho!

CHESTER: Nada, senhora, seu filho é muito impressionável, não aguenta ver sangue, eu, como moro perto de um matadouro ...

BEATRIZ: Omar... está me traindo com a mãe do Torres?

OMAR: Não é o que você está pensando...

MÃE: *(Pegando o dedo de Carpio do chão)* Parece um dedo? Meu Deus, tenho onze dedos ...

CÁRPIO: *(tirando o dedo dela)* Este é meu, senhora, eu mesmo os corto e eu mesmo os costuro.

OMAR: Eu precisava de uma modelo, para terminar o vestido ...

BEATRIZ: Mas ela é uma velha.

TORRES *(acordando)* Mamãe, você vai se casar?

OMAR: Velha, sim, mas muito gentil ...

(Uma menina muito jovem caminha pela cena, apenas Chester a vê)

CHESTER: Quem é aquela garota ali na porta?

TORRES: Onde?

CHESTER: Ali!

CARPIO: Que tipo de droga você usa, Sr. Chester?

CHESTER: Ali, não, lá... olhem, está em cima da mesa.

(Os personagens começam a seguir Chester e Chester segue a aparição, a ação se transforma em uma dança de salão)

BEATRIZ: (Ao público) Chester estava acostumado com essas cenas de enredo de boulevard e matadouro, de minha parte, nunca pensei que a reunião não fosse progredir. Estávamos assim, nos movendo em diferentes direções, sem saber muito bem que direção deveríamos tomar, quando de repente se ouviu a porta: toc, toc, toc ... O que mais uma porta pode dizer se não toc toc toc, trashhhh, ou huiiiiiii, puras onomatopeias que revelam velhice, ferrugem e medo?

CENA 5

(Entram doutor Morales e Renzo, vestem-se como os políticos dos anos quarenta, usam sobretudo, chapéu e cachecol, atrás dos quais escondem o rosto, de repente se revelam)

RENZO: *(inspecionando o lugar)* Atenção, hein? Atenção. O Sr. Morales é um homem muito profundo, o que acontece é que ele tem um problema no freio da língua, o que

muitas vezes dá um tom cômico às suas opiniões, mas nada está mais longe do humor do que as opiniões do Sr. Morales ...

MORALES: *Obligado, Llenzo, obrigado*, mas posso eu mesmo me *apresentar*.

RENZO: Tudo o que posso dizer é que eu sou uma pessoa violenta; por baixo dessa fachada vegetariana e tranquila existe uma fera.

BEATRIZ: (Para Chester) Outro perdido.

CHESTER: Espere que se encontre...

CARPIO: Desculpe, os senhores quem são?

CHESTER: Com o ...

RENZO: Eu é que pergunto, "doutor Carpio".

CARPIO: Como? Você me conhece?

MORALES: Quem não conhece o doutor *Callpio, célebre allumador de llostos*, com você Dorian Gray não *tellia* tido os *plloblemas* que teve depois da facada.

CARPIO: Morales, Dr. Morales, urologista ... bem que eu achei que já tinha visto este dedo em algum lugar.

TORRES: Acho ótimo esse encontro entre antigos colegas, mas já estamos todos aqui ... podemos começar?

MÃE: (*entrando com o carrinho de supermercado*) Bebê, eu vou ao mercado, cuide da casa e trate bem os convidados.

TORRES: Sim, mamãe, não se preocupe.

MÃE: Estão bem? Não precisam de nada?

CHESTER: Sim, algo que pudéssemos ...

TORRES: Nada, mamãe, pode ir tranquila.

MÃE: Que bom ver tantos médicos na minha casa, parece uma clínica, que lindo ... bom ... tchau, hein? Adeus, arrivederchi ... (*sai*)

(Todos a cumprimentam como se ela fosse fazer uma viagem para outro continente)

CHESTER: Vocês, mulheres, não vão a urologistas, não é?

BEATRIZ: Não.

CHESTER: Que alívio.

BEATRIZ: O que está insinuando...?

RENZO: Você operou a minha esposa, doutor Carpio.

CARPIO: E como ela está?

RENZO: O silicone que você colocou era de má qualidade.

TORRES: Podemos começar, por favor?

CARPIO: O senhor está questionando minha prática médica?

RENZO: Em vez daquela gelatina podre, eu teria preferido que tivesse usado pudim, pelo menos eu teria comido os seios da minha mulher de colherinha.

BEATRIZ: Como uma criança come a sobremesa tantas vezes proibida.

CHESTER: O doutor Rudolf, que fazia experimentos sobre a dor humana durante a ditadura de Trujillo, nunca recebeu críticas de seus pacientes sobre negligência médica.

MORALES: Sabe como nasceu o fascismo na *améllica* latina?

CHESTER: Não.

MORALES: Com uma *gleve* de ônibus em mil novecentos e sessenta e *tlês*.

RENZO: Isso foi no Chile.

CARPIO: Mas o povo não apoiou essa greve.

CHESTER: É que a povo não tolera que os ônibus não cheguem na hora.

BEATRIZ: A dor humana é um bom tema para começar.

TORRES: Especialmente a dor análoga.

BEATRIZ: Eu conheci um homem ...

MORALES: Desculpa... a *senholla* é *doutolla*?

BEATRIZ: Sou poeta.

MORALES: *Vellso* ou *plloza*?

BATRIZ: Não, sou poeta e manicure, se quiser posso fazer suas unhas.

MORALES: Não é má ideia...

CARPIO: Lixe, Morales, que sempre temos alguma coisa para coçar.

RENZO: O senhor é um impertinente!

TORRES: *(Tentando cortar a discussão)* A dor humana, segundo a Wikipedia ...

BEATRIZ: É como prender sua alma na porta.

MORALES: *(falando de Omar)* Ele não fala?

BEATRIZ: Quando há perigo ele reclama, grita e foge.

CHESTER: Não tem espírito de herói.

TORRES: A dor humana é geralmente indescritível ...

BEATRIZ: Quero contar uma coisa sobre a dor humana ... Gostaria que me ouvisse, senhor **TORRES**, ou que todos me escutassem porque é uma história exemplar, ouçam: Um homem ou um pai de família, embora sempre o tenha imaginado como um homem solitário, cometeu crimes contra a humanidade, claro, dito assim é muito pouco poético ... contra a humanidade ... mas se acrescentarmos que ele chegou em sua casa ao entardecer, quando os últimos raios de luz fugiam furiosamente para onde habitam aqueles que se apagaram para sempre, tudo adquire um tom poético, mas não é tão verdadeiro; a questão é que sua esposa sempre o esperava naquela hora, e o acariciava de tal maneira que ele se sentia perturbado por um sentimento estranho, se sentia culpado de crimes dos quais não tinha consciência, pois para ele torturar, perseguir e assassinar eram o seu trabalho, e ele o fazia com a maior inconsciência ... Como algo tão simbólico como uma carícia pode nos fazer sentir que há algo em nós que não vai bem?

RENZO: Ela sabia de alguma coisa que não tinha porque saber.

TORRES: O problema não era ela.

CARPIO: Sim, era ela sim, porque as esposas não são boas aliadas.

MORALES: Uma *calícia* faz qualquer um duvidar, é ou não é?

CARPIO: Não era uma carícia, era uma navalha.

CHESTER: Seria a mesma coisa, se se tratasse de um padre que sente o olhar perturbador de Deus.

BEATRIZ: Não, não e não, é uma dor invisível, a pior das dores, aquela que você não consegue sentir, mas está ali.

TORRES: Sim, claro ... (*Como se tivesse descoberto algo importante*) Como é que não fui capaz de ver, se é claro como a água? Como não me dei conta? Cristalino como a água, transparente como a água ...

MORALES: Quer um copo d'água, senhor *Tolles*?

TORRES: Não, não, não...

MORALES: Desculpe, desculpe, mas como *replletiu tllês* vezes água, pensei...nada, nada...

TORRES: Torturar é uma atividade nefasta imersa em um mundo nefasto, a carícia funciona como a mão que nos acorda de um pesadelo horrível ... O que aconteceu? O que aconteceu com ele? Não, não me diga, posso adivinhar ... Posso adivinhar ou não

posso adivinhar? Posso adivinhar ...? Sim, posso adivinhar, não, não posso adivinhar, é melhor eu procurar na Wikipedia...

MÃE: (*entrando com as compras no mercado*) Bebê ... o que aconteceu, bebê? Você está catatônico de novo?

TORRES: Mamãe, se você acabou de sair ...

MÃE: Sim, mas eu já voltei, a não ser que quem saiu não tenha sido eu e quem voltou seja outra pessoa, desculpe, sou um pouco má. Querem uma cenoura?

TORRES: Depois, mamãe, estamos prestes a encontrar uma porta.

MÃE: Só queria dizer que as alfaces estão com o preço nas alturas ...

RENZO: Senhora, não nos incomode ...

MORALES: Estamos quase *abllindo* uma porta no céu.

MÃE: As alfaces também, porque estão com preços nas nuvens, ha ha ha, desculpa, às vezes sou tão do mal.

RENZO: A senhora é muito inoportuna.

MÃE: Bebê, esse pessoal não é bom pra você.

MORALES: A *senholla* é uma realidade *dilacellante*.

MÃE: E o senhor é um língua de trapo.

TORRES: Mamãe, por favor ...

MÃE: Nada de “por favor”, olha como eles me tratam, estou ocupada com a sopinha deles, não com a minha!

RENZO: Está nos insultando e a senhora não tem o direito de insultar ninguém!

MÃE: Sopinha não é um insulto, a sopa que te pariu poderia ser.

CHESTER: Direito ela tem, o que não tem é bom senso.

MÃE: O senhor, cale a boca!

CARPIO: Senhora, não grite assim que dá rugas.

MÃE: *(jogando as verduras neles)* Vocês não vão me calar! Porque vocês não têm a mínima ideia do quanto custa uma alface! Vocês sentem prazer em pensar mas sou eu quem compra as cenouras, o prazer de vocês não se compara ao meu, o meu custa dinheiro, coisa que eu não tenho, o de vocês está apartado da vida, o meu está na rua, nessa merda de rua e nessa merda de vida ... claro, a tonta aqui faz comida pra vocês pros senhores ficarem aí pensando, é claro, os senhores podem pensar porque tem uma idiota na cozinha, e sempre foi assim ... Quem foi a idiota do Sócrates? Hein? Ela até passou na cicuta porque o homem resolveu suicidar-se justamente quando a idiota vinha com o almoço, e em vez de comer, não, o homem se suicida. E a idiota de Sêneca?: “Um homem sem paixões está tão perto da estupidez que só lhe falta abrir a boca para cair nela.”, que frasezinha, se eu tivesse uma idiota na cozinha também me dedicaria a fazer frases de efeito, não, se os senhores estão pensando é graças ao fato de que há outros que trabalham ... e não me interrompam, que eu jogo isso em vocês, e isso aqui também. E Maquiavel?: “Qualquer método é plausível se o poder é o fim “ Quer dizer, não importa que nós, as idiotas de plantão, estamos nos matando na cozinha porque os senhores estão pensando no poder, nós somos o método plausível, mas porque somos tão estúpidas, penso eu... e Carl Marx, que quando não estava enchendo o saco de sua esposa, estava enchendo o saco da sua amante, que além do mais era sua cozinheira.

Como é possível teorizar sobre a vida sem pensar em suas próprias vidas, em suas pequenas e desastrosas vidas?

(A jovem moça entra, e gentilmente leva a mãe ao proscênio, com um movimento ela faz a luz diminuir, só a mãe fica no foco)

MÃE: Se a chuva cai suavemente
acredite nela porque sua suavidade
não te engana.

Se o café diz: eu faço a manhã,
acredite nele porque sua suavidade
não te engana.

Se o mar faz naufrágios,
acredite nele porque sua fúria
não te engana.

Mas se um intelectual disser:
Eu vou fazer a comida, não acredite nele
não é uma lei natural ...

(A mãe sai acompanhada da menina)

BEATRIZ: Estávamos assim, numa guerra vegetal, entre a realidade e o pensamento, porque se pode saber muito sobre filosofia, mas pouco sobre a vida, o contrário também não é aconselhável, porque sempre haverá um último mistério que a vida não saberá explicar.

(A luz diminui suavemente e imediatamente volta a subir)

CENA 6

(Quando a luz sobe, os personagens estão estáticos, em uma atitude que nos lembra os quadros da proclamação da independência)

TORRES: Devo explicar, tenho que explicar, sinto que lhes devo uma explicação: a república análoga deve ter uma constituição; esta constituição, por causa da sua natureza inexistente, será uma desconstituição; um corpo de leis invisíveis que sustente uma estrutura inexistente de princípios éticos que não sirvam para nada.

MORALES: *Peldão, peldão, peldão, se não selvem pala nada, pala que fazer? Pala... que lo dizer... ou seja...pala que, quero dizel...*

RENZO: Para que, você quer dizer.

MORALES: *Pol favol, Lenzo, você me deixa nelvoso quando me tladuz.*

TORRES: Por que todas as tentativas práticas de construção falharam?

CARPIO: Isso se deve à falta de uma dose de violência que deve acompanhar toda ideia.

CHESTER: Eu não concordo.

RENZO: Eu concordo com Carpio, embora não goste de concordar com ele de nenhuma maneira.

BEATRIZ: Mas nossos países foram criados de forma violenta.

CHESTER: Exatamente, porque a violência é o conteúdo da ilustração.

MÃE: Ilustração tem algo a ver com algum tipo de dicionário?

CARPIO: Sim, porque uma ideia violenta tem uma forma violenta.

MORALES: Não, não e não. *Porque* cavalo é uma ideia, um conceito, que *podelia* ser violenta, mas sua *folma* não é violenta, sua *folma* é suave, muito suave.

(Neste momento, os personagens quebram a forma estática)

CHESTER: Mas os cavalos são de natureza diferente dos homens, assim como as crianças, os loucos e as mulheres.

MÃE: Eu não sou nenhum cavalo, doutor, em todo caso uma égua ...

CHESTER: Quero dizer que as mulheres são mais naturais do que os homens, que somos cheios de formalidades horrendas.

CARPIO: Senhores, é preciso uma grande conspiração para que a ideia cavalo seja um cavalo e não uma girafa.

RENZO: À cavalo dado não se olha os dentes, como dizem; vejam, eu vou ser sincero com vocês: por que os homens andam no meio da rua nas noites escuras, sabendo que podem ser atropelados por um caminhão? Por medo dos cães de guarda dos poderosos jardins, treinados para morder homens solitários que mastigam ideias na escuridão, mas se as ideias que eles ruminam não mordem, eles serão atropelados pelo caminhão dos poderosos, aqueles que carregam bandeirinhas de perigo e ...

MÃE: Uma bandeira, os senhores precisam de uma bandeira!

CARPIO: E um hino!

BEATRIZ: Eu cuido do hino.

MÃE: E eu da bandeira.

OMAR: E eu ... preparo o espaço da fundação.

(Há um grande movimento na cena, Omar e a mãe saem, outros penduram condecorações gigantes, descobrem um grande quadro onde está pintada uma imagem republicana)

BEATRIZ: Eu finjo que vou embora, mas não vou, sou uma voyeur da fundação republicana, mas como o que estou vendo é apenas um desejo inatingível, eu não vejo nada. Eles também não veem nada, ou melhor dizendo, veem outra coisa, e a república que eles veem é infinitamente mais bela do que a que eu vejo...

MORALES: *Selemos* uma sociedade *seclata*.

CARPIO: Sim, tão secreta que não saberemos nem se nós pertencemos a ela.

MORALES: Vamos nos dedicar à ciência e às *altes*, e *telemos* uma escola de ofícios inúteis, onde os alunos *pleguiçosos selão plemiados* com uma *gallafa* cheia de *al* da *ilmandade* dos que não *selvem* pala nada, *chacota, chacota, pula chacota*, e *havelá* uma placa na *polta* que diga: *libeldade, solidaliedade* e *chacota*, muita *chacota*.

CARPIO: A única coisa que entendi foi: *chacota, chacota, pura chacota*.

TORRES: Senhores, devo dizer que estou eufórico, estou ficando eufórico ou estou à beira da euforia... Os senhores, como me veem?

MORALES: Bom.... eu vejo o *senhol* excitado.

CHESTER: Não é para menos, não é para menos, nós abrimos uma porta.

RENZO: Como esse cara gosta de portas, hem!

MORALES: *Lenzo, cale a boca, pois as portas são um assunto muito sério, porque... Quem pode nos dizer o que se esconde atrás de uma porta? Que fazia Lenzo atrás da porta quando piscava com sua vizinha? Agora sim você fica quieto, seu espelinho, sem velgonha...*

CARPIO: *(Para Renzo)* As portas têm valor simbólico, mas digamos que o senhor não é tão simbólico

RENZO: Cala a boca, que estou falando com o meu mestre, e além do mais, que valor simbólico pode ter uma porta? Uma cadeira é mais simbólica do que uma porta, é claro que a gente não diz: abrimos uma cadeira ou batemos com a cara na cadeira. Não me encham o saco...! Uma privada é mais simbólica do que uma porta! Ou não? Claro que soa mais culto dizer que encontramos uma porta do que dizer que encontramos uma privada, ou abri uma porta para um mundo desconhecido, que abri uma privada e me perguntei onde diabos está a república análoga, ou abri a privada da realidade e era tudo uma merda sem sentido, ou ...

MORALES: *Pol favol, Lenzo, não seja tão plosaico.*

CHESTER: Dê a ele um pouco de papel higiênico para limpar a boca.

TORRES: Por falar em bocas, precisamos de um grito de guerra inaugural ... um canto que dê início ao feito da nossa república invisível, um grito ...

CHESTER: Não olhe para mim, sou muito descontrolado.

CARPIO: Eu só canto no banheiro.

RENZO: E eu no estádio aos domingos. *(Todos olham para Morales)*

MORALES: NÃO, NÃO, NÃO... eu não posso glitar porque tenho a língua plesa!

CARPIO: Quem vota para que Morales dê o primeiro grito de independência? Embora no seu caso deva ser um *glitodeindependência...* (*todos levantam a mão*)

MORALES: *Senholes...* eu não posso *glitar*, é *necessário* o *glito* de um *helói*, não de um *mané*, *pol favol*, não façam isso comigo...

TORRES: Grite, por favor.

CHESTER: Vamos...

CARPIO: Esperamos....

RENZO: Mestre, não se exponha ao ridículo e grite.

MORALES: Não, não posso, não devo... O que *fazel* neste momento *histórico*, se não *glitar* vou ser *lemblado* como um *covalde*, e se *glito* serei *lemblado* como um *mané* O que eu faço? O que faço?

CARPIO: Não se amedronte, Morales, grite do jeito que for ...

RENZO: Calma, por favor, o mestre vai gritar, tudo é uma questão de tempo ... primeiro vamos encontrar uma memória emotiva, pense, o senhor, em um momento de sua vida onde circunstâncias tristes o fizeram gritar, porque o grito era a única forma de expressar o que não poderia ser expresso a não ser por um grito.

CARPIO: Era só o que nos faltava, uma aula de expressão dramática.

CHESTER: Se as pessoas tivessem aulas de teatro, as manifestações seriam outra coisa.

TORRES: Relembrar com um pouco de método, para gritar com um pouco de disciplina.

RENZO: Vai gritar...

(Morales faz alguns exercícios de voz, rotação do pescoço, etc., cria uma grande expectativa; respira fundo e grita)

MORALES:jjjjAAAAAAHHHHHH!!!!

CARPIO: É de doer!

CHESTER: É aquele tipo de grito que precede uma serenata de mariachis, um grito folclórico onde gritamos sem porquê, ele tem que fazer de novo.

TORRES: Eu concordo.

MORALES: Não ...!

CHESTER: Este é um grito histórico, não um grito histérico, entende?

TORRES: Se não houver grito de iniciação, nossa república afundará no silêncio dos tristes.

RENZO: Grite, mestre ...!

MORALES: Aí vai.... jjjjjAAAHHHHH!!!!

CARPIO: Esse grito parece um grunhido estúpido.

CHESTER: É o grito de um vendedor de batatas.

TORRES: Tente novamente ...

MORALES: Não!

(A menina anda pela cena, só Chester a vê, mas não ousa dizer nada)

RENZO: Mestre, você se lembra daquela garota que vinha todas as tardes à sua janela, e todas as tardes lhe deixava um pão, enquanto o senhor escrevia coisas do seu passado, e se sentava em uma cadeira ao seu lado, e o senhor lhe contava uma história sobre seu passado e suas lágrimas contavam uma história mais profunda, e ela lhe dizia: por que choras, bom homem? E o senhor não dizia nada, e meses depois a menina desapareceu no ar e o senhor sabia, porque suas convicções lhe disseram, que ela tinha desaparecido em circunstâncias tristes, então se deu conta de que suas convicções não serviam para nada, se não podiam fazer com que uma menina humilhada pela história vivesse para sempre no ar e fosse respirada pelos pulmões de um país, diariamente, como o ar que precisamos para viver sem sentir vergonha? Todos os assassinos estão morrendo de velhice e serão enterrados na terra, mas quando todas as flores do mundo perguntarem pelos olhos dela, a terra dirá que ali ela não está, e que é bom que ali não esteja, porque não se pode morrer onde morrem os assassinos. O que faremos nós com a menina atravessada nos pulmões se não respirá-la como se respira a luz, a água, o ar, como a vida respira uma memória que não sabe que é memória?

MORALES:(Morales grita sem emitir som) iiii !!!!

TORRES: Bravo, senhor Morales!

RENZO: Esse sim foi um grito invisível!

CHESTER: Eu gostei, foi um grito surdo.

CARPIO: Temos que recordar, recordar com violência e gritar ...

CHESTER: O primeiro grito, nunca foi ouvido, eu gosto, porque um momento de tanta alegria e de tanta dor é inexprimível com gritos, arengas ou discursos; só pode ser expresso com um profundo silêncio. O seu não foi um grito, foi um chiado rouco, o primeiro chiado libertário, viva!

(Todos tiram cantis e brindam, ouve-se tambores, são tocados pela Mãe e Omar, que entram vestidos de granadeiros, Chester canta ao som da batida, os outros se juntam e formam uma espécie de bandinha libertária)

CHESTER: Um grito vazio, um grito sem grito,
nunca houve um grito em nossos começos,
mas a mentira escreve os mitos,
escreve a história de nossos países
(Tudo se transforma numa coisa mambembe),
os loucos e os vagabundos, os maconheiros
não têm um grito para o novo céu ...

TORRES: É o momento da fundação da república análoga, são necessárias imagens da nossa fundação, que chova, mas a nossa chuva não será real, será uma chuva de plástico, uma dolorosa chuva de polietileno ...

(Uma chuva, que na verdade é um efeito teatral impulsionado por Omar, cai sobre os personagens)

TODOS: Um grito vazio, um grito sem grito!

TORRES: Todas as imagens inaugurais serão deliberadamente enganosas, a chuva, os guarda-chuvas, as condecorações, os discursos ... Vamos tirar uma foto, sim, uma foto, mamãe, Omar, venham, vamos tirar uma foto, mas isso não vai capturar um instante, porque instantaneamente seremos outros ...!

TODOS: Um grito vazio, um grito sem grito!

TORRES: O senhor coloque-se aqui, mamãe ali, o senhor sentado na ponta da mesa. Estejamos cientes de que a foto não somos nós; os caçadores dizem que caçaram um

coelho, mas na realidade o que eles caçaram é o cadáver de um coelho, não se pode capturar nada sem mudar sua natureza. Quando as gerações futuras olharem esta foto, dirão: isso é uma grande mentira e terão razão, e nós também estaremos certos porque nunca tentamos esconder nada. Agora digam: XIIIIIIIISSSS!

TODOS: XIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIISSSSSSSSSS !!!!!

(Todos ficam congelados, fixos, em uma foto republicana)

BEATRIZ: Quando nada se move, nós morremos, é uma morte dinâmica e para sempre, é um instante, pode ser uma hora ou dez dias em que a independência é como uma sensação que não depende de nós, mas sim que nós dependemos dessa sensação, o que eu quero dizer é que toda libertação tem seus dez segundos ou seus dez dias que estremecem a alma, e depois o poder se encarrega de mudar a natureza das coisas, como disse o senhor Torres, não temos mais uma independência, mas o cadáver de um ideia extraordinária.

(A menina entra, faz um movimento e a luz baixa)

CENA 7

(A cena se ilumina, os personagens estão em uma grande atividade libertária: eles conferem livros, penduram bandeiras, etc.)

CHESTER: Permitam-me lhes dizer uma coisa importante antes de iniciar esta magna empreitada....

TORRES: Continue, Sr. Chester ... Ele pode falar, não é?

RENZO: E ... se não houver outro remédio...

CARPIO: Eu levantei a mão antes de Chester, eu tenho a palavra.

TORRES: Bem, fale, Carpio.

RENZO: E quem lhe deu a autoridade para liderar esta assembleia?

TORRES: Não sei, aconteceu assim ... sei lá ... naturalmente ...

MORALES: Tudo bem, tudo bem, vamos *deixal* assim .

TORRES: Não, se quiserem posso renunciar ...

CARPIO: Você não pode renunciar de uma coisa que não existe, renunciar a quê?

RENZO: Proponho fundar um exército para controlar nossas inimizades e, devido ao meu caráter agressivo, me candidato a comandante-chefe.

CARPIO: Desculpe, mas eu também sou bastante agressivo.

RENZO: Sinto muito, você não está à altura, você é muito baixinho, tampinha, pintor de rodapé.

MORALES: *Lenzo*, não fique tenso.

RENZO: Mas olha pra ele ... quer que eu o meça? (*Ele tira um metro e mede*) um metro e sessenta ... O senhor acha que com um metro e sessenta consegue entrar para a história? (*Para Chester*) E o senhor não me olhe assim, que eu lhe meço também. Um metro e setenta ... aí está ... E o senhor? (*Para Torres*) metro cinquenta ...

CARPIO: Essa era a altura de Bolívar.

RENZO: Sim, mas quando ele entrava no campo de batalha atingia uma altura de dois metros e meio, se agigantava no calor da batalha, tamanho de titã, forma de homem valente; e me parece uma impertinência de sua parte comparar-se a Bolívar. Se Bolívar fez o que fez com um metro e sessenta, imagine o que eu posso fazer com um metro e oitenta. San Martín, que altura tinha? Um metro e sessenta e cinco, senhor. Todo mundo diz o Grande San Martín, o colosso dos Andes, Bolívar o gigante da América, gente baixinha, senhores, gente baixinha, o que acontece é que a fita métrica da história não mede o tamanho das pessoas mas sim o tamanho do mito, gostamos de pensar que não tinham medo, que eram justos e corajosos, que não traíam, que não se encolhiam perante as balas e a fome, gostamos de lhes confiar todas as virtudes que nos faltam, gostamos de os ver sobre os cavalo porque se não estivessem montados, se tornariam pedestres e humanos, à altura dos nossos erros e esperanças, se nós os fazemos de bronze é porque se os fizéssemos de carne, seriam tão semelhantes a nós que não acreditaríamos neles, basicamente porque não acreditamos em nós mesmos.

CARPIO: O senhor tem razão, Renzo, sou uma pessoa baixa, à altura dos meus instintos, mas tenho um revólver, esse é o detalhe, o senhor também é baixo, mas sem detalhes.

MORALES: Eu suspeitava: um *tlafica*...

TORRES: Um traficante político?

RENZO: Somos todos *traficas*.

CARPIO: Eu sou um homem de ação, tenho alguns objetivos e métodos, pouco ortodoxos é verdade, mas muito eficazes.

RENZO: Tudo bem, Carpio, será meu primeiro tenente.

CARPIO. Não, general chefe.

RENZO: Primeiro tenente, caralho, e quando falo, endireite-se!

CARPIO: Não recebo ordens de um meia bomba como o senhor!

TORRES: Senhores ... calma, por favor!

MORALES: Eu *quelo* um *ministélio...*, ou dois! *Melhol*, dez.

CARPIO: Além disso, serei chefe da alfândega.

RENZO: A alfândega é minha.

TORRES: Eu sou oposição.

(Todos discutem acaloradamente)

MORALES: *Senholes, senholes, ploponho* que façamos uma votação *livle, democlática e sobelana...* Não se esqueçam que fui eu que dei o *plimeiro glito* de independência. Quando esta *histólia fol esclita, dilá:* aqui esteve o *céleble patliota* que não cedeu, que não se *acovaldou* diante dar *almadilhas* da *histólia*, e este *patliota* tem nome, este *glito* tem nome, se chama: *glito molaleeeeeeeeees!* Já escutamos os *neglos* da Bahia, já escutamos os *mineilos* de Potosí, os *obleiros* do *polto se persignam*. *Lezam*, se tornam católicos e já os conseguimos *ouvil...* *polque Molales* é um *glito*, *polque Molales* é o *plresidente* que os *senholes melecem*, vote *Molales* e diga não aos *conluios*, vote *pol* um *glito*, vote *pol Molales*: "*Molales, Molales* é o voto que sim vale..." já conseguimos *escutal...*

CARPIO: Morales ... já lhe ouvimos. Bom, depois desse lapso cívico, me perdoem por insistir, posso parecer uma pessoa ambiciosa mas não, sou uma pessoa coerente e se acumulo pastas e ministérios é para dar coerência ... Vocês não percebem que para haver progresso deve haver coerência?

TORRES: O senhor é um monarquista!

RENZO: Absolutista!

CARPIO: Falo em nome do progresso!

CHESTER: O que é o progresso? Tudo o que gira como os ponteiros do relógio é progresso? Em um sentido clássico, o progresso seria ir para a frente ou para trás, mas nesta terrível realidade o progresso é cair; num sentido clássico, pode-se recuar diante da destruição em prol do progresso, mas nessa terrível realidade estamos caindo e ninguém pode impedir a queda. Mas vamos ser didáticos ... *(sai de cena e todos se olham como se dissessem: o que há de errado com ele?)*

MÃE: *(lá fora)* O que está fazendo?!

CHESTER: *(lá fora)* Nada, senhora, o progresso chegou até suas plantas!

(se escuta barulhos de vasos destruídos)

MÃE: *(entrando em cena)* Bebê, eu disse que seus amigos eram uns facínoras!

OMAR: *(entrando)* O Sr. Chester cagou com as plantas da senhora ...

CHESTER: *(entrando)* Com o que está preocupada, senhora, se existem flores de plástico, com o que devemos nos preocupar se existem florestas de plástico, mares de plástico, tigres de plástico. Queremos progredir ou queremos viver na tribo “ao lado das plantinhas”? Como posso dizer ‘faço um canteiro de ervas e me deito sobre elas’ sem acordar os risinhos zombeteiros do progresso, como posso dizer que gostaria que não destruíssem aquela velha escola onde estudou a minha infância e onde minha adolescência se masturbou, o pequeno bosque, o velho cinema onde me fiz perguntas fundamentais como: por que me dá vontade de tirar a roupa quando me olham com afeto? Qual o nome dessa vergonha que eu sinto, quando centenas de crianças

desnutridas limpam o meu vidro para que eu veja como a vida progride? Que chuva cai, quando chovem palavras como injustiça, fome, esquecimento? O progresso dirá estas palavras: alma, se está tão ferida, por que não vai a uma clínica e para de foder? Cada idade tem suas perguntas que a minha velhice não conseguiu responder. A ideia de progresso é uma péssima ideia real que afasta os medos das florestas da nossa imaginação, porque imaginar produz mais medo do que o real, por isso é mais fácil falar de pastas e ministérios, até mesmo de democracia, na hora de falar de política, isso evita imaginar algo diferente. Os primeiros raios de realidade dissipam as sombras do medo de imaginar. O imaginado é mais real ... Quem é aquela garota que anda por aqui?

MÃE: Eu não entendi absolutamente nada, mas como o Dr. Chester fala bem.

TORRES: Devíamos ouvir alguém que ainda não falou.

MÃE: Eu ...

TORRES: Não, mamãe. Você, já escutamos demais.

CARPIO: Mas quem, se aqui todos já falamos?

TORRES: Omar ...

OMAR: Eu não posso, não sei falar ...

TORRES: Vamos Omar, devemos ouvir a voz silenciada.

MORALES: Vamos, Omar, *plisamos* ouvir uma voz que a *história* não contou.

OMAR: Mas o que eu posso dizer a vocês ... *(Depois de uma pausa)* Eu sou um humilde alfaiate, e para falar a verdade, tenho mais linhas do que palavras, além disso tenho a Beatriz, ela fala por mim, ela fala muito, fala quando fala, fala quando escreve e fala

quando anda por aí e não diz nada ... sempre haverá gente como eu, que nada pode dizer diante da história. A história não conta com os alfaiates, porque alfaiates não contam com a história. O que mais posso dizer? Os senhores estão dentro da história, eu não, eu estou fora ... *(sai correndo)*

TORRES: Bom, curto e grosso ...

OMAR: *(entra correndo assim como saiu)* Tomando café com a mãe de Torres, costurando o vestido de Beatriz e fugindo ao primeiro sinal de perigo ...
(Sai correndo novamente)

CARPIO: Podemos continuar, por favor?

OMAR: *(entra correndo, da forma como saiu)* Tentando comer o tempo todo, mais por medo do que por fome. Do que eu posso falar pra vocês senão sobre os sons do meu estômago? Porque meu estômago tem sons e tem espírito, eu soube disso um dia quando fui à igreja pedir a Deus para saciar minha fome, mas minha consciência se recusou a pedir, porque minha consciência é atea, mas meu estômago é crente, minha história não é nada mais do que um distúrbio estomacal, um misto de fome e fervor religioso ... Não vou falar ... sim vou falar, porque os senhores me deram a oportunidade ...

CARPIO: Alguém pode fazer ele se calar, por favor ?!

OMAR: Eu não vou me calar!

(Carpio, Renzo e Morales tentam calá-lo)

CHESTER: *(cortando a briga)* Deveríamos fazer uma república onde os alfaiates pudessem terminar de falar. Temos que imaginar uma república que não acabe sempre na mesma coisa.

TORRES: Sim, e cujos cidadãos acreditem em espíritos e fantasmas porque estas aparições são o fulgor da realidade... Vocês não acham?

RENZO: E naquele que não acreditar, metemos bala.

CARPIO: Não, não é possível criar uma república análoga se se perde de vista a realidade.

MORALES: *Ledijamos* um manifesto.

CARPIO: Rápido demais, estamos indo rápido demais...

TORRES: Vamos redigir assim: numa noite chuvosa, os patriotas da república análoga reuniram-se, com o propósito de estabelecer as linhas gerais de um território inexistente onde a felicidade será o objetivo principal, e sendo esta tão subjetiva, cada um de seus habitantes dará a ela o sentido que convenha as suas carências, assim aqueles que não têm casa dirão: minha república é um castelo no ar; quem não tem amor dirá: minha república são os amores que nunca terei; quem não sabe dançar dirá: minha república são os passos que nunca poderei aprender.

CHESTER: Um conselho fundador, precisamos de um conselho fundador.

TORRES: Vai se chamar A Sociedade das Crianças que Não Podiam Tremer.

RENZO: Eu não gosto, lembra um conto de fadas.

CHESTER: Extraordinário, percebem? Na raiz da nossa república haverá uma grande fantasia, a chave está nas crianças, se fôssemos crianças, o que lamentavelmente não somos, nos seria permitido fazer coisas que os adultos não fazem, como uma subversão, uma revolução, até crescer e nos tornarmos estupidamente formais e adultos.

RENZO: Eu não sou uma criança.

CARPIO: Nem eu.

CHESTER: É por isso que não podem conceber uma república análoga, porque os homens, quando crescem, se tornam uma instituição, e nada está mais longe da natureza do que uma instituição, e as crianças sabem disso, por isso não respeitam instituições, nem hierarquias, eles não distinguem uma igreja de uma mesquita, tendem a abolir as instituições com gritos e assovios de desaprovação, eles se tocam da forma mais desavergonhada ali onde os homens com toda sua cultura, suas religiões, seus preconceitos não o fariam por pudor, tolice ou medo.

TORRES: Bravo, senhor Chester!

MORALES: Vamos ao *tlabalho agola!*

RENZO: Mas ainda assim, não somos crianças.

MORALES: Chega, *Lenzo*, chega, o senhor tem *lazão*, escuta *pol favol*, *abla as olellas*, *Lenzo*, e deixe que a *sabedolia* tome conta de você.

CARPIO: Não quero fazer parte de uma república de crianças.

MORALES: Não é de *clianças*.

CARPIO: Não se trata de uma festa infantil com balões e chapeuzinho de cone, isso exige seriedade, eu venho disposto a dar a minha vida por uma ideia que não existe e vocês me vem com um bolo de aniversário, por favor, por favor! Vocês não percebem que devemos ser fiéis à tradição; uma república que se preze deve ter um passado manchado de sangue, heróis traídos e uma profunda cegueira pra olhar o futuro, deve haver fracasso, é essencial ser um fracassado, isso faz com que se crie uma cultura de dissimulação, onde se oculte o fracasso com heróis que nunca existiram, que se criem cantos dolorosos, cheios de nostalgia pelo que nunca poderá ser, e que a violência seja como o pão de cada dia, a violência sagrada que tudo purifica, o fogo sagrado que tudo

destrói para deixar somente cinzas, e que a próxima chuva nos devolva a cor verde, perdida entre tanta crônica mentirosa e esquecimento.

CHESTER: O senhor é uma criança muito cruel, Dr. Carpio.

RENZO: Não sei o que ele disse, mas soou bastante ofensivo.

MORALES: *Lenzo, por favor, não se exaspele.*

TORRES: Começemos pela traição.

CARPIO: O que você quer dizer?

TORRES: O senhor seria capaz de nos trair?

CARPIO: Você está me provocando?

TORRES: Não, simplesmente pergunto se o senhor está em condições de sabotar a república nascente em nome de uma violência purificadora.

CHESTER: Para espalhar a violência, precisamos de um pretexto emancipatório.

TORRES. O que?

MORALES: O senhor Chester tem *lazão*, *plecizamos* nos *tolnar* independentes de alguma coisa.

CHESTER: De nós mesmos.

RENZO: E a luz se fez... (*tira um revólver*)

MORALES: *Pol favol, Lenzo, pol favol.*

CHESTER: Nós mesmos escolhemos nossa própria servidão porque não soubemos o que fazer com o medo que nos dava ser livres, é mais fácil viver em sistemas opressores porque isso nos empurra para nos libertarmos, se vivêssemos em um mundo justo e livre nos tornaríamos conservadores e medrosos ...

CARPIO: Vamos começar a nos libertar ... *(tira um revólver)*

RENZO: Carpio é um policial, um vulgar e medíocre agente da ordem!

TORRES: Calma, senhores, calma!

MORALES: *Lenzo*, nem pense em *fazer* algo violento!

CHESTER: *(puxando um sabre)* Tudo tem o mesmo começo e o mesmo fim.

MORALES: O idiota sacou um *sable*! Ele acha que é Bolívar, San Martín, Zuque.

TORRES: *(Puxando um revólver)* Por que tudo tem que se corromper tão facilmente?

(Todos apontam uns para os outros, até irromper um tiroteio que nos lembra uma brincadeira de criança, ou um filme de gângster. A mãe entra enrolada em uma bandeira, em uma carroça puxada por Omar, mais atrás, Beatriz; eles cruzam a cena no meio do tiroteio, entre corpos que rolam e caem mortos; Beatriz canta o hino da república análoga)

BEATRIZ:

Por uma estrada empoeirada

Vêm os loucos, as mulheres e as crianças

E eles escrevem com os seus dedos ao vento

Somos a república do pão e do vinho

Sua pátria não é a minha
A república sonhada
Não ganha o dia
O que foi, não é hoje, nem ainda ...

Uma pequena fábula ilustraria este momento republicano: Era uma vez uma criança tão, mas tão imunda, que a mãe resolveu dar-lhe banho, meteu-a numa bacia e esfregou-a aqui e ali até a água da bacia ficar escura, escura com sujeira da criança, aí a mãe vai até o açude e joga a água suja, com a criança e tudo mais ... pra tirar a real sujeira que mancha, acabou eliminando o real, poderíamos dizer também que a sujeira é real e a criança não existe e, finalmente, poderíamos dizer que uma não existe sem a outra. Estávamos assim, em plenos festejos inaugurais, tentando desviar das balas de ambos os lados quando um pensamento me atingiu. Não deveríamos nos envergonhar de nosso passado real porque ele foi movido por uma irreabilidade profunda, um pesadelo feliz.

CENA 8

(A menina muito jovem acaricia todos os mortos e eles acordam rindo e contando piadas, como se tudo tivesse sido uma brincadeira, na verdade tudo foi uma brincadeira)

BEATRIZ: Omar, vamos, já é muito tarde...

MORALES: *Doutor Cálpio*, o senhor é um *glante* utópico.

TORRES: Sempre fico impressionado com a nossa capacidade de não chegar a lugar nenhum.

CHESTER: É disso que se trata.

CARPIO: Estou alarmado, sinto cada vez mais prazer com a traição.

RENZO: Não se preocupe, da próxima vez eu serei o traidor.

MÃE: Como, vocês já vão?

CHESTER: Sim, o hotel é muito longe.

OMAR: A senhora, foi hoje uma grande modelo.

MÃE: Omar, Omar, você é sempre tão educado, bom ... todos vocês são educados, o que seria de uma vida monótona e cinzenta como a minha, se não fosse o fato de que em um dia qualquer, a qualquer hora, chegam vocês e podemos pensar que o que não pode ser é possível.

CHESTER: Nunca fazer nada que tenha por finalidade a verdade.

MORALES: Nós nunca *entlalemos* para a *história*.

RENZO: Bem, se eu fosse a história, também não permitiria que tipos como nós entrassem.

CHESTER: Com licença, alguém pode me explicar quem é aquela garota que anda por aí?

TORRES: Garota?

CARPIO: Por aí?

MORALES: Do que está falando, *Chestel*?

CHESTER: Nada.

FIM.